

# Notas Bibliográficas

**CARLOS MESTERS** — *Maria, a mãe de Jesus — Vozes, Petrópolis 1977, 118 pp.*

Pelo título, pareceria tratar-se de mais um dos inúmeros livros já escritos sobre Nossa Senhora. No entanto, "Maria, a mãe de Jesus", é um livro diferente, onde o Autor tem uma proposta clara e precisa: devolver Maria ao povo, a quem ela pertence de fato e de direito.

A partir da comparação inicial da História do Brasil a um imenso andar de Nossa Senhora, carregado pelo povo humilde através dos tempos (p. 14), o talento indiscutível e já conhecido de Carlos Mesters vai delineando, com simplicidade, mas também com fundamentação bíblica e teológica, os contornos da figura e dos atributos de Maria. A devoção a Nossa Senhora por parte do povo brasileiro é um fato; muitas vezes erroneamente interpretado como alienação. Mesters procura, então analisar e interpretar a identificação do povo simples com Nossa Senhora em todo o seu profundo significado de libertação. Falar de Maria no Brasil é falar de Nossa Senhora Aparecida — pobre e preta como tantas Marias que por aí andam (p. 19). Maria é do povo. É totalmente do

povo por ser totalmente de Deus. Para poder ser do povo, tem que ser de Deus. Para poder ser de Deus, tem que ser do povo. É assim que Deus e o povo desejam (p. 17).

Usando a imagem da Igreja como um álbum que se abre para mostrar os três retratos de Nossa Senhora tirados da Bíblia: mulher de Deus; mulher do povo; mulher que une em sua vida o amor a Deus e ao povo, Mesters nos apresenta, em linguagem deliciosamente coloquial e popular, Maria nas suas três dimensões fundamentais. Maria que acolhia e meditava a Palavra de Deus em seu coração e a punha em prática. E que neste "pôr em prática", encontrava não só felicidade e paz, mas também dificuldades, sofrimentos e exigências (p. 25). Maria atenta aos outros. Maria que serve a quem precisa na hora exata (p. 30). Maria que não era rica nem poderosa, mas que vivia a mesma vida do povo, pobre e sofrida. Maria que por isso, se fez portadora da esperança desse povo (p. 33). Maria que rezava em comum com seus amigos e, a partir daí, unia em sua vida o amor a Deus e ao povo. E que por isso pôde compor o grande cântico de libertação que é o Magnificat, composto dos salmos que tanto conhecia (p. 35).

A seguir, o Autor traça um panorama da vida em Nazaré no tempo em que Maria lá viveu — a situação do país, as condições de vida do povo, as possibilidades de trabalho, a insegurança que reinava sob o jugo romano. E também a circunstância do noivado e do casamento de Maria e José — todo o problema da gravidez, da concepção virginal é abordado da maneira mais simples, esclarecedora e respeitosa. Fundamentando cada uma de suas afirmações com textos bíblicos, Mesters vai mostrando como o Plano de Deus se cumpriu em Maria, que era livre e que era pobre, e contava apenas com Deus. Como, por conseguinte, o Reino de Deus é anunciado e acontece no meio dos pobres (pp. 54-61). Maria, que aceita ser mãe do Salvador, é comparada com o povo humilde do Brasil de hoje, que se abre para a Palavra de Deus e a procura viver (p. 62). As maravilhas que acontecem no meio do nosso povo são obra de Deus, semelhante à obra realizada em Maria (p. 65).

Em seguida, tomando o capítulo 12 do Apocalipse, em que aparecem os grandes sinais no céu da mulher que dá a luz e do dragão, o Autor remete aos dias de hoje, em que o povo oprimido é como uma mulher, em toda a sua fragilidade no momento do parto, ameaçada de ser devorada pelo dragão da maldade e da opressão. Humanamente falando, a luta está decidida — o dragão é mais forte e portanto vai vencer. Deus, porém, intervém a favor da vida. E a vida vence (pp. 75-84).

O livro termina com casos concretos de várias Marias de aqui e de hoje, que vivem em suas vidas comuns parcelas daquilo que Maria viveu, mostrando como a história de Maria continua até hoje nas pequenas e grandes lutas da vida anônima do nosso povo (p. 107).

Povo que, do fundo da sua opressão, entrevê uma esperança de liberdade e começa a dar o seu recado e a dizer sua palavra. E por isso segue o andor de Nossa Senhora. E por isso se identifica com Maria, que é libertadora porque foi pobre e livre.

“Maria, a mãe de Jesus” é um livro de esperança. Escrito para o povo, com sua linguagem, suas imagens, seus símbolos, é um livro que exorta esse mesmo povo a confiar sua esperança àquela que ele venera Brasil afora com vários nomes: desde Das Dores e Da Boa Morte até Do Livramento e Das Vitórias.

**Maria Clara Lucchetti Bingener**

**GERHARD LOHFINK — A Ascensão de Jesus. Invenção ou experiência — Edições Paulinas, São Paulo 1977, 85 pp.**

O autor, professor de exegese em Würzburg, Alemanha, tem pesquisado a doutrina da ascensão por vários anos. Sua tese doutoral, publicada em Munique em 1971, versa precisamente sobre este tema. O presente livro traduzido do original alemão (1972) apresenta, em linguagem fácil e acessível, os resultados da pesquisa do autor.

De forma clara e sucinta, G. Lohfink analisa o gênero literário da ascensão presente no mundo greco-romano (título, Alexandre o Grande, Empédocles), no Antigo Testamento (Elias e Henoc) e na literatura a ascensão de Jesus (Lc 24,50-53 e At 1,9-11; a referência em Mc 16,19, um acréscimo posterior, teria sido influenciada por Lc) se basearia nestes esquemas e modelos já pre-existentes, e em sua formulação mais imediata em Eclo 50,20-22 e Lc 24,4-9. Em seguida, o autor faz um estudo comparativo dos textos relativos à glorificação encontrados em Mt, Jo e 1 Cor com os de Lc e At, descreve a influência lucana na instituição da festa da ascensão (que iniciou no século V d.C) e procura responder à pergunta porque Lucas narra duas vezes a história da ascensão, no fim de seu evangelho e no começo do livro dos Atos.

G. Lohfink chega à conclusão de que a questão sobre a verdade da ascensão não pode ser restringida ao problema histórico ou não histórico,

mas deve ser definida tendo em vista a mensagem que o evangelista quer transmitir. No caso do evangelho, a ascensão significa a exaltação do Senhor à direita do Pai, um meio adequado de terminar o livro. No caso de Atos, a cena constitui uma resposta à demora da parusia: O Cristo parte e à Igreja cabe a tarefa de continuar a sua missão.

Uma omissão a ser anotada ao livro de G. Lohfink é a ausência de qualquer referência ao livro apócrifo, A Assunção de Moisés, como possível explicação da referência aos quarenta dias encontrada apenas em At 1,3, referência esta que se deve não somente a um critério litúrgico, mas sem dúvida ao fato de Moisés, segundo a tradição judaica, ter sido elevado ao céu terminados os quarenta anos de sua peregrinação pelo deserto de Sinai.

Apesar disto, o livro é altamente recomendável não apenas para estudantes de Teologia, mas também para os leigos que queiram aprofundar os ensinamentos de sua fé e ler o relato da ascensão com uma visão mais crítica e adulta.

### Gabriel Selong

**JOACHIM JEREMIAS** — Isto é o meu corpo — Edições Paulinas, São Paulo 1978, 51 pp.

A direção das Edições Paulinas teve a feliz iniciativa de publicar, em breve espaço de tempo, a tradução de vários livros de Joachim Jeremias, entre eles, As Parábolas de Jesus, Teologia do Novo Testamento, A Pregação de Jesus, O Pai-Nosso: a Oração do Senhor, O Sermão da Montanha, A Mensagem Central do Novo Testamento. A mais recente destas traduções é a acima referida. Tal programação é louvável pois Joachim Jeremias, ex-professor da Universidade de Göttingen, é um exegeta culto e ponderado e suas contribuições são sempre valiosas e interessantes.

O presente livro, escrito originariamente em 1972, é um sumário de uma obra mais vasta e bastante conhecida do mesmo autor, datada de 1935, *Die Abendmahls Worte Jesu*.

Múltiplos dados fazem deste pequeno trabalho uma leitura não apenas agradável, mas também útil. Entre outros, podemos citar o fato do autor situar a última ceia dentro do contexto mais vasto das refeições tomadas pelo Jesus terrestre, o sentido de fraternidade e comunhão das ceias orientais (tão esquecido no mundo ocidental), as orações recitadas antes e depois das refeições que faziam delas encontros realizados "sob o olhar de Deus", a excelente apresentação dos textos da instituição em quadro sinótico seguida de uma breve mas substancial explicação dos mesmos (infelizmente o autor não inclui o texto de Jo 6,11-13), o significado da difícil expressão "por muitos" de Mt 26,28 e, finalmente, a associação do pão partido com a morte expiatória de Jesus da qual os discípulos se tornam beneficiários.

Entre os pontos mais controvertidos da obra (observe-se que Joachim Jeremias é luterano) se pode notar uma equiparação por demais acentuada entre uma ceia comum (com toda a sua significação no meio oriental) e a última ceia tomada por Jesus, a impressão de que a ceia eucarística seja uma espécie de recordação do passado (quando na realidade é muito mais; é uma atualização deste passado). E, por último, contrariando o texto e o contexto, a afirmação de que Jesus "comparou o pão ao seu corpo" ou "comparou o vinho tinto ao seu sangue" (p. 38). Negando uma identificação, como compreender o escândalo dos judeus em Jo 6,52 ou a severa advertência de Paulo em 1 Cor 11,27?

Feitas estas ressalvas, o livro se impõe pela quantidade de informações e pela pesquisa segundo o método das formas dos textos eucarísticos.

Gabriel Selong

**C. MESTERS — Abraão e Sara**  
— Ed. Vozes, Petrópolis 1978,  
130 pp.

C. Mesters não é somente um exegeta, é uma "Escola de Exegese". Já vem publicando uma série de trabalhos, lidos em todo o Brasil. Eles têm contribuído de modo excepcional para a vida das comunidades populares da Igreja. Não deixam também de ter ampla aceitação em círculos mais exigentes. Frei Carlos consegue coisa extremamente rara num exegeta: saber captar com rigor, exatidão o sentido e o contexto do texto bíblico e traduzi-lo de modo vivo e acessível à realidade de hoje, sem sobrecarregar o leitor com pesado aparato científico. Ele não precisa esconder-se de trás de infinitas citações de outros exegetas, não necessita encher as páginas de seus livros com erudição estonteante. A força de seus escritos vêm da limpidez, da beleza, da pureza bíblica de sua releitura da Escritura. Conhece em profundidade os textos e pode, por isso, traduzir para as pessoas mais simples a riqueza da Palavra de Deus. O seu estilo continua próximo ao próprio estilo bíblico. Como em muitos escritos da Bíblia, sobretudo do N.T., que pertencem à leitura popular de então (*Kleinliteratur*), C. Mesters conserva nesses dois livros sobre Abraão e Maria, a singeleza estilística.

Está mais próximo da Exegese dos Padres que da exegese moderna, quanto ao estilo, à percepção espiritual do texto, usando, naturalmente, recursos da exegese moderna, sem que isso apareça de modo acintoso no texto. Dentro da teologia da libertação, que quer ser serviço às CEBs, esses trabalhos do autor se colocam como rica colaboração, pois põem à disposição de tais comunidades a Palavra de Deus interpretada dentro de seu horizonte de compreensão e como princípio de esperança para sua caminhada. Não se trata de uma espiritualidade fechada em si mesma, mas profundamente voltada para a práxis. No livro de Abraão mais que no de Maria pare-

ce tal característica conscientizadora e libertadora do trabalho.

Em Abraão, o autor dialoga todo o livro com um casal: Genésio e Rosa, cuja história conta logo no início. Mostra a todos os Genésios e Rosas que existem, como a história de Abraão e Sara é para eles uma palavra de Deus iluminadora da existência. Começa com uma análise estrutural teológica dos cc. 1-11 do Gênesis. De modo extremamente simples e profundo, mostra-nos as quatro camadas de pecado que são retratadas nesses capítulos: dominar e explorar os outros (torre de Babel), usar Deus e a Religião em proveito próprio (Dilúvio), odiar, matar e vangloriar (Caím e Lameque) e a raiz de todos eles: desligar-se de Deus Pai e de sua Palavra (pecado original de Adão). Localiza muito bem a raiz de toda opressão, fazendo nova releitura do pecado original, muito rica e acessível. Em oposição à história da maldade humana, introduz a história da salvação iniciada em Abraão, que perfaz o caminho oposto. Caminho sujeito a muitas tentações. Centra a idéia na defesa da vida em todos os níveis. O resumo (p. 47), que apresenta sobre a doença do mundo à luz da bíblia, coloca-nos diante dos olhos, de modo plástico, a estrutura do pecado e sua superação pela graça. Abraão é apresentado como alguém chamado por Deus para realizar o Seu plano. Entretanto, esse plano não lhe aparece desde o início com clareza. Vai descobrindo-o através das provações, tentações. Continuamente tenta reduzi-la a um projeto seguro dentro das previsões humanas, enquanto Deus exige de Abraão contínua saída desses projetos para abrir-se à novidade divina. Essa dialética de toda vocação é levada durante todo o livro com maestria e simplicidade por Mesters. Relê sob tal prisma as andanças de Abraão, o nascimento de Ismael, o nascimento de Isaac, o sacrifício dele etc... No fim, aparece claro que o fundamental é essa confiança radical na força divina e como isto não é passividade, conformismo capitulador, mas força dinâmica. O livro tem força conscienci-

zadora a partir da história bíblica. Os cristãos das CEBs, ao lerem esse livro, sem mesmo terem sido necessárias as perguntas e aplicação feitas por Mesters, já descobririam na simples descrição do desenrolar da vida de Abraão a própria vida e o apelo de Deus dentro dela.

Recomendar um livro do Frei Carlos parece-me uma pretensão e algo absolutamente óbvio. Por isso, é com alegria que vemos circular entre nós essa pequena preciosidade teológico-exegética da leitura popular. Cada vez mais o aspecto libertador vai-se firmando. Com isso, a teologia da libertação encontra uma de suas formas mais puras e lídimas. Vem de uma experiência pastoral, de uma práxis de comunidades eclesiais de base e orienta-se para alimentá-las em sua caminhada de transformação da realidade.

### J. B. Libânio

**J. A. RUIZ DE GOPEGUI — A Flor Impossível. Salmos e Cantos de Esperança — Ed. Loyola, São Paulo 1978, 134 pp., 21 cm x 14 cm.**

Em língua espanhola, existe um grande poeta que escreve cantos e salmos na perspectiva da libertação: E. Cardenal. Seus salmos são lidos, meditados em todo o Continente, por causa da beleza e força do texto. Em português, faltava-nos algo semelhante. São-nos conhecidos poesias de D. Pedro Casaldáliga, salmos de Frei Betto. Mas é muito pouco. Ruiz de Gopegui oferece-nos agora textos de fina inspiração poética ao lado de densidade de conteúdo numa perspectiva social, de compromisso com a justiça, com a libertação. Para as nossas liturgias, meditações e encontros, podemos servir-nos desse livro, que as Edições Loyola acabam de lançar.

É antes de tudo um canto de esperança como a dedicatória a nosso mártir P. João Bosco e à inocência

entrevada de Myriam o exprime muito bem. A "Flor impossível" nos projetos humanos é a ressurreição depois de morte violenta do filho inocente ou a libertação de um povo oprimido e pobre. Entretanto, como a Ressurreição aconteceu, a libertação está também escondida na fragilidade dos fracços, mas que Deus pode fazer nascer no lugar mais inverossímil.

Numa primeira parte, inspirado nos salmos da Escritura, com a liberdade própria do poeta, o autor traduz em oração com profunda beleza e sensibilidade gritos ao Senhor a partir de situações as mais diversas. Domina a idéia da esperança, confiança na força de Deus.

"Feliz quem põe sua certeza no Senhor  
procurando seu rosto  
ao caminhar na história  
de mãos dadas com o pobre,  
e ainda encontra um tempo  
para falar com Deus após cada  
jornada." (p. 16)

"Vós, porém, os pequenos,  
que não tendes mais refúgio do  
que Javé  
podeis julgar-vos felizes.  
Dirige a história  
o enviado por Deus  
para abrir uma saída às vossas  
vidas." (p. 19)

Aparece em toda a sua força a imagem do Deus defensor do pobre, o "goel", que se põe do lado do pequeno, sedento de justiça, e que se torna motivo de coragem na luta:

"Acorda, Senhor.  
Luta ao meu lado.  
Liberta-me dos temores infundados.  
Com a história na mão  
e contigo como escudo  
retomarei o combate." (p. 22)

A morte do P. João Bosco oferece motivo para um salmo de esperança no sofrimento:

"Desperta, Senhor. Vem em socorro do teu povo.

Só resta uma esperança:  
a da vida que nasce do sepulcro  
inviolado do teu Filho.  
Ao morrer indefeso e por amor,  
a morte e a violência foram vencidas.

Sem revólveres. Sem armas!"  
(p. 38)

E assim temos 14 salmos recriados de dentro de nossa realidade, que nos falam muito de perto e nos alimentam a confiança em Deus. São orações próprias para as pessoas comprometidas com os seus irmãos pobres e que sofrem a tentação, que o salmista bíblico tantas vezes expressou, de desanimar ao comparar a força dos adversários e com a própria fraqueza.

Na II.ª parte do livro, estão 20 poemas. Ai, como observa o próprio autor, não existe a mesma homogeneidade de perspectiva que domina os salmos. Algumas poesias refletem momentos pessoais de busca de um encontro humano ou divino na oração. Outras são mais voltadas para o irmão necessitado. Uma reflete experiências existenciais diante do jogo dialético do vazio e do sentido no correr da vida, outras retratam descobertas que a presença do outro provoca em nós. Em todas, aparece o clima espiritual de oração, de presença de Deus, de percepção da Transcendência.

No mesmo estilo social dos salmos, temos três belos poemas: Diante de um mendigo, A Alegria Impossível e Natal com os pobres. São momentos altos do livro.

Quero crer em Ti, e estás tão longe!

Não posso largar o compromisso  
— porque é teu —  
de lutar por um mundo  
em que todos, sem medos,  
possam sorrir como crianças.  
(p. 99)

Terminando o livro, há uma pérola de poesia dedicada a Maria.

Maria, a primeira  
com um coração de pobre.  
Maria a esperança  
que nasce nos pobres, companheiros de pranto,  
a certeza  
dos pequenos largados à margem da vida,  
a alegria  
das crianças desprotegidas,  
a boa-nova do Reino  
caminhando nas ruas,  
o amor impossível.

Em outra passagem do poema diz:

Maria, a primeira  
a guardar a esperança  
sepultada na morte violenta  
do filho inocente,  
à espera  
DA FLOR IMPOSSÍVEL  
DA RESSURREIÇÃO. (p. 131)

Esses pequenos exemplos citados servem para despertar-nos para a leitura do livro, onde certamente encontraremos alimento espiritual unido com beleza poética. Com isso, vamos criando a nossa literatura que serve de incentivo de esperança numa caminhada impossível para a fragilidade humana, como a Ressurreição, mas realidade pela força de Deus.

J. B. Libânio